

---

## Semânticas da espera

Notas sobre a decadência mineira e seus nexos geográficos em fins do XIX

*Semantics of waiting: Notes on the Minas Gerais decadence and its geographical connections at the end of the XIX century*

*Semánticas de la espera: Notas sobre la decadencia en Minas Gerais y sus enlaces geográficos a finales del siglo XIX*

*Semantiques de l'attente : Notes sur la decadence mineira et ses rapports géographiques a la fin du XIXème siècle*

**Higor Mozart Geraldo Santos**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6066>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.6066

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Referência eletrônica

Higor Mozart Geraldo Santos, «Semânticas da espera», *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 27 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6066> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6066>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 27 janeiro 2021.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Semânticas da espera

Notas sobre a decadência mineira e seus nexos geográficos em fins do XIX

*Semantics of waiting: Notes on the Minas Gerais decadence and its geographical connections at the end of the XIX century*

*Semánticas de la espera: Notas sobre la decadencia en Minas Gerais y sus enlaces geográficos a finales del siglo XIX*

*Semantiques de l'attente : Notes sur la decadence mineira et ses rapports géographiques a la fin du XIXème siècle*

**Higor Mozart Geraldo Santos**

---

## NOTA DO AUTOR

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e integra nossa tese de doutoramento que desenvolvemos junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. O trabalho se articula, ainda, à pesquisa intitulada “O imigrante em disputa: o lugar e o território do estrangeiro nos conflitos regionais entre Minas Gerais e Rio de Janeiro nos anos 1870-1930, que tem apoio financeiro do CNPQ (Processo APQ 429204/20167) e FAPEMIG (Processo APQ-00658-15), sob coordenação da professora Dra. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (UFV).

## Introdução

Encerram, sem duvida, os nossos sertões virgens  
incalculáveis riquezas que só esperam a mão do  
homem para virem engrossar a somma da nossa

fortuna realizada. (Minas Geraes, Mensagem, 1894: 14)

- 1 De pronto nos lembramos de Tântalo<sup>1</sup> quando lemos Affonso Pena, então presidente das Gerais, bradar sobre a *virgindade* dos sertões. O martírio vivenciado pelo personagem mitológico – incapaz de alcançar frutos que pululavam no Tártaro – parece emular os obstáculos que governantes alegavam enfrentar na tentativa de domar os sertões e seus chamados bárbaros habitantes. O que irmana ambos enredos, dos mineiros e de Tântalo, é o sonho de abraçar o *intocado*, mas também a falta de *braços* para viabilizar tal empreitada.
- 2 Não é por acaso que, em fins do XIX, cores lúgubres tingiam toda sorte de denúncias sobre a situação em que o estado se encontraria. Todavia, o atraso não era tão desconunal quanto se pintava; o que ocorria é que as reminiscências do período colonial, quando Minas Gerais figurava como a capitania mais rica do país, somado aos cotejos com a então florescente economia paulista, ampliavam a sensação letárgica. Desse contraste surgia “a percepção do atraso, a insistência nas potencialidades inexploradas da região e o debate sobre a recuperação econômica [...]” (Dulci, 2005: 115).
- 3 Os discursos sobre o letargo nas Gerais são longevos e, de acordo com Souza (2019), podem ser interpretados a partir de quatro dimensões. A *mítica* revela que desde o último quartel do XVII substantivos e adjetivos já eram manejados para pintar a região com as cores dos sonhos e da opulência, mas também do medo, intransponível e intocado. A *dimensão trágica* evidencia as dificuldades impostas por um terreno talhado por montanhas onde se desenrolavam duros duelos entre homem e natureza. As agruras impostas pela geomorfologia se ajuntavam ao capricho das águas, às intempéries climáticas e aos pestilentos sertões das feras.
- 4 A *dimensão pragmática* escancara a busca por formas de subjugar a natureza e gerar dividendos. Diferentes relatos testemunham a sanha por impor ordem racional ao mundo natural em empreitadas que visavam ampliar o conhecimento do patrimônio geográfico através de diagnósticos, catalogações e inventários. No século XVIII depoimentos condenavam as práticas predatórias que deixavam matas nuas e afugentavam a fauna. No início do XIX, viajantes se abismavam ao olhar povoações mineiras e identificar paisagens em ruínas. Spix e Martius apontavam a ferrugem que a mineração, outrora efervescente, deixara. Cascalho, pedregulho, queimadas e pedras soltas contribuíam para o definhar de paisagem antes viçosa.
- 5 Na *dimensão dos afetos*, os homens das Gerais registraram essas perspectivas anteriores – edenização, tragédia ou pragmatismo – por meio de obras da literatura luso-brasileira setecentista. Ante a chamada decadência decorrente do escasseamento do ouro, as elites<sup>2</sup> se moveram ao procurar soluções em universidades europeias e tomar conhecimento de técnicas modernas lá difundidas, numa posição que muitas vezes revelava grande devoção à ciência. Aproximava-se da cultura europeia, mas também se refletia sobre a própria realidade mineira; com efeito, além da constatação da decadência da capitania, aflorou-se um sentimento regional, embora muitas vezes confuso, que referenciava, ao mesmo tempo, a singularidade da “pátria” mineira e o seu vínculo com Portugal (Souza, 2019).
- 6 Em nossa interpretação, essas quatro dimensões – mítica, trágica, pragmática e afetiva – dão feição à *espera* nas Minas Gerais. *Espera* que parte da ideia de um território

abençoado, porém inerte; de paisagem luxuriante, embora desaproveitada. De solo fértil, porém maltratado. Enfim, um território da espera.

- 7 Na esperança de transformar o “paraíso estacionário” em um “território útil” os governantes defendiam uma série de medidas com a finalidade de dinamizar a vida econômica do estado. Havia, por isso, uma miríade de discursos recheados de alusões espaciais que apregoavam a urgência de introduzir braços estrangeiros, escolas técnicas, estradas de ferro, maquinário agrícola, entre ações outras. Diante desse cenário, discorrer sobre como uma imaginação de corte geográfico contribuía tanto para legitimar a existência de espécie de uma “inércia do território” como para insuflar medidas com vistas a superação de tal condição é o objetivo encarado nas páginas a seguir.
- 8 Nessa empreitada manejamos diferentes periódicos mineiros à procura de discursos sobre a letargia nas Gerais, sem, no entanto, perder de vista que estávamos diante de produções localizadas historicamente e que, como tais, não podiam ser tratadas de forma dogmática, mas sim como um ponto de vista – ou um brado – particular (Goodwin, 2007; De Luca, 2010).<sup>3</sup> Dividimos o texto em três momentos: no primeiro discutimos como reflexões espaciais podem ser gestadas para além dos confins da ciência geográfica; em seguida verificamos como algumas dimensões do conceito de *território* se enlaçavam ao contexto em tela. Na porção final ressaltamos como as semânticas da espera oferecem importante chave de leitura para interpretarmos a Geografia Histórica das Gerais de fins dos oitocentos.

## Dos sertões virgens ao sonho da semente: Imaginação & Geografia

Ao despertar do lethargo, em que por tanto  
tempo jazera, Minas sentiu-se envergonhada do  
atraso em que se achava; mas, consciente de suas  
forças, não trepidou em marcar, desde logo, o  
rumo em que devia orientar-se.  
O seu sólo é uberrimo e incomparavel o seu clima;  
cortam-na poderosos cursos de agua de franca  
navegabilidade; nas mattas seculares as mais  
preciosas essencias; debaixo do seu sólo,  
depositos inexauriveis dos mais ricos mineraes.  
Por toda parte pois encontram-se elementos de  
variadas producções, que *só esperam* a mão do  
homem, para que se transformem em  
valiosissimas riquezas.  
Precisa, assim, *recuperar o tempo perdido* e  
apparelhar-se para o aproveitamento dos dons  
com que prodigamente a dotou a Providencia e de  
forma tal que possa attrahir do estrangeiro os  
braços que lhe faltam.  
Um porto de mar que a ponha em relações  
directas com os mercados europeus; uma rêde de  
linhas ferreas, que leve a vida e a civilização aos

seus ultimos confins; uma Capital, que dignamente a represente, mostrando que o Mineiro é homem culto e bem conhece as exigencias da vida social moderna. (*Minas Geraes*, 12 set. 1895, grifos nossos)

- 9 As palavras acima são emblemáticas. A um só tempo espelham imagens de lentidão e projetam realidade outra ao deliberarem medidas à superação de quadro dito vexatório. Elas funcionam como arautos de uma desgraça acachapante, mas também como anunciadoras do alvorecer de bem-aventurada era. Tais visões, do presente e dos dias vindouros, carregam em comum o devotamento às questões espaciais e isso se dá não apenas em virtude do emprego de termos ordinariamente associados aos atributos do espaço (solo, clima, matas, minerais, cursos d'água), mas também por conta de raciocínios que escancaram táticas geográficas – aspecto evidenciado pela procura de conexão através de linhas férreas e porto-marítimo, pela busca de braços estrangeiros e diante da importância dada a uma capital moderna. Tais visões sobre espaço também comportam uma dimensão temporal – revelada pela preocupação em se “recuperar o tempo perdido” e pelo diagnóstico de que os predicados territoriais apenas *esperariam* por quem soubesse utilizá-los. Tempo & espaço, inércia & esperança, como vemos, estão umbilicalmente ligados aos discursos sobre a letargia mineira.
- 10 Estas reflexões sobre o *território*, engenhadas por diferentes atores, com destaque aos políticos, rememoram que a Geografia não detém o monopólio sobre as representações do espaço, até porque “a leitura da paisagem é comum a qualquer sociedade, em qualquer época” (Moraes 1996: 27). Com efeito, não podemos perder de vista que a *imaginação* construída acerca do espaço está firmemente enlaçada ao poder; aliás, curioso atinar que não são raras as vezes em que *imaginação e poder* dividem mesma frase – quase íamos dizendo palco. Essa coexistência, como numa peça tragicômica, enseja flagrante paradoxo: de um lado temos uma palavra, a *imaginação*, que se enfeita com as vestes da ilusão, dos sonhos e símbolos. Na outra margem, distante dos meandros fantasiosos, temos o *poder* trajando suas cores soturnas.
- 11 Mas se nos esquivarmos das peripécias da aparência, notaremos a reviravolta que se anuncia: *imaginação e poder* não são palavras em eterna oposição. Se elas encenam, é porque protagonizam dança em que uma precisa da outra. Com isso queremos assinalar que o *imaginário social* é elemento imprescindível ao exercício do *poder*, uma vez que ele é partícipe de níveis variados da vida coletiva, contribuindo para fomentar e ou desestimular uma série de ações. E essa presença se tornou cada vez mais destacada diante da transição da cultura oral para a escrita – inflamada pela tipografia e alfabetização – e do desenvolvimento dos meios de comunicação em massa (Baczko, 1985). Isso só evidencia que o domínio simbólico se irmana ao controle dos meios que colaboram para a persuasão e disseminação de valores e crenças.
- 12 O Imaginário, nessa senda, “[...] possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo. O real é a interpretação que os homens atribuem às coisas e a natureza” (Laplantine e Trindade, 1997: 28-29). Dessa forma, “se o imaginário recria ou reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real” (Laplantine e Trindade, 1997: 28-29).
- 13 Se adicionarmos a Geografia a este debate, veremos que na grande sala do cinema-mundo, ela exerceu, inúmeras vezes, o papel de *projeccionista*. São notórias suas

contribuições para a composição de imaginários sobre o mundo; mas, além de sua capacidade *projetiva*, a ciência geográfica também colaborou e colabora de forma efetiva para a construção material do mundo (Sousa Neto, 2000: 11). Os constructos materiais, afinal, derivam também de *imaginação geográfica*. Tal imaginação, assim adjetivada, recobre as imagens espaciais gestadas em representações discursivas para além do domínio da Geografia. E aqui é oportuno rememorar John Kirtland Wright (1947)<sup>4</sup> – tido como precursor da Geografia Humanista – que, em reflexão acerca da imaginação geográfica, disserta sobre como o geograficamente desconhecido<sup>5</sup> patrocina acachapante fascínio entre os geógrafos, mas também entre não-geógrafos.

O domínio da geografia – geografia no senso de tudo que foi escrito, retratado e concebido sobre o assunto – consiste em um núcleo relativamente pequeno (para emprestar a frase de Whittlesey) e uma área periférica muito maior. O núcleo compreende os estudos formais em geografia; a periferia inclui toda a geografia informal contida em trabalhos não científicos – livros de viagem, revistas e jornais, livros de ficção e poesias, e também nas telas. Apesar de muito desta geografia informal ser de pouco valor para nós, alguns trabalhos mostram um profundo mergulho no centro do que importa, coisas com as quais estamos mais preocupados. Eu arrisco pensar que, de dois geógrafos igualmente competentes em todos os outros aspectos, aquele que melhor lê as passagens imaginativas da literatura Inglesa sobre as terras da Britânia descreverá melhor a geografia regional desta terra. (Wright, 1947: 13)

- 14 Se em *área central* estão os estudos formais do universo da ciência geográfica; há, na *periferia*, uma geografia informal representada não apenas pela literatura, mas também por concepções vindouras das cabeças de “pessoas comuns” – na expressão utilizada pelo autor. Tal informalidade, percebida a partir de conversas, consulta a jornais e em publicações outras, levou Wright a cunhar o conceito de *geosofia*<sup>6</sup> (*terra + conhecimento*) para se referir ao “estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista” (1947: 14). Esses estudos navegam para além do núcleo da geografia – aquela *formal* relacionada ao conhecimento científico – e atingem todas ideias geográficas (sejam verdadeiras/lastreadas em fatos ou não) e todos tipos de pessoas (não apenas geógrafos, mas também fazendeiros, pescadores, executivos, poetas, romancistas, pintores, etc.). Nesse vértice, Wright (1947: 16) é eloquente ao narrar que a

[...] gama de concepções parte do puramente pessoal, impressões subjetivas de um fazendeiro ou um caçador, àquelas ganhas a partir de cálculos matemáticos rigorosos e correlações estatísticas altamente refinadas, e encontram expressão não apenas na forma científica, mas através da literatura e da arte. De fato, quase todas as atividades importantes nas quais o homem se engaja como capinar um campo, escrever um livro, conduzir um negócio, pregar o evangelho ou travar uma guerra é, em alguma medida, afetada pelo conhecimento geográfico à disposição. (Wright, 1947: 16)

- 15 Ao enfatizar essas questões, o autor acaba nos fazendo um convite a volver nossos olhos para a miríade de possibilidades que repousam quase incógnitas na periferia dos estudos geográficos. E, de certa feita, é isso que tentamos empreender ao problematizar de que forma os políticos mineiros promoviam uma sutura entre *espacialidade* e *atraso* (Santos, 2016). Para tanto, uma abordagem sobre o conceito de território, tão presente nas discussões sobre a inércia nas Gerais,<sup>7</sup> é extremamente cara, como discutimos adiante.

## Um território onde a espera fez sua morada

- 16 A ideia aqui não é apresentar exaustiva reflexão sobre o conceito de território; mas sim construir entendimento acerca dos sentidos que ele adquiria nos discursos sobre a realidade mineira. O *território*, diferente do que os políticos faziam parecer, não é apenas somatório de formas naturais e de elementos criados por mulheres e homens (Santos, 2004):
- O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro [...]. (Santos, 2004: 96)
- 17 Do ponto de vista *miltoniano*, haveria distinção entre o "território em si" e aquilo que ele designa de "território usado". Enquanto o *território em si* representa o palco, apenas a base natural, o território usado congrega a este *palco* os *atores* e suas *ações*. Ou seja, o "território em si" acaba sendo sinônimo de *espaço natural* e, o "território usado", um equivalente de *espaço geográfico*. Não há, afinal, "como explicar o território sem sua utilização" (Silveira, 2011: 153).
- 18 Moraes (2003), diante de tais considerações, compreende o território essencialmente a partir do ponto de vista geopolítico, referindo-se a uma porção de espaço em que o Estado exerce seu domínio, sua soberania. Já o "território usado" seria uma contraposição às áreas ainda não utilizadas, cunhando aquilo que o autor chama de "fundos territoriais" – áreas não devassadas pelo colonizador e sobre as quais se tem pouco conhecimento. Muitas vezes elas estão apenas genericamente cartografadas, a exemplo dos "sertões", "fronteiras" e demais lugares dominados pela natureza ou pelos ditos selvagens. O interesse da ordem republicana, ao identificar o sertão como "*locus* do arcaísmo e do atraso" é promover sua modernização, através da "alocação de sistemas de engenharia e de objetos técnicos integradores do território" (Moraes, 2003: 5).
- 19 Válido aqui lembrar de Vianna Moog (1954) que, de um lado, em seu livro *Bandeirantes e Pioneiros* (1954), versa sobre os êxitos da ocupação e desenvolvimento do Oeste americano e, do outro, aponta agruras enfrentadas pelos bandeirantes no Brasil. Para Oliveira (1998), o mito do sertão tem repercussão no bandeirante e em seu apetite por alargar o espaço territorial da colônia portuguesa. Essa seria a mais marcante experiência de fronteira na história nacional. Outro paralelo possível, diz Moraes (2002), se estabelece com a história argentina em que a noção "deserto", de forma próxima ao que ocorreu no Brasil, também foi utilizada como sinônimo de espaço a ser conquistado (Donghi, [1992] 2005; Rodríguez, 2010; Risso, 2016). Em nossa interpretação, tanto no caso brasileiro quanto no estadunidense e no argentino, independentemente do nome utilizado (*oeste*, *sertão* ou *deserto*), trata-se de "espaços em espera".
- 20 Saquet (2007) analisa a relação de reciprocidade entre as dimensões sociais do território (economia, política e cultura) e natureza. Ao chamar atenção para a última dessas instâncias assevera que a geografia brasileira pouco tem se dedicado a compreender a natureza como um elemento territorial. Segundo ele, um geógrafo que teria se notabilizado nessa direção foi o franco-suíço Raffestin<sup>8</sup> (1980, 1981, 1993), que trouxe à baila os recursos naturais enquanto trunfos de poder. Não é fortuito, aliás, que a quarta

parte do livro *Por uma Geografia do Poder* seja intitulada "Os recursos e o poder". Para evidenciar tais enlaces, o geógrafo destaca que a matéria (ou substância) se encontra disponível na superfície da Terra e é anterior à ação humana. Tratar-se-ia de um dado puro, resultante da atuação das forças da natureza sem que tenha havido participação do homem. Nesses termos, a matéria não seria resultante de uma prática, mas sim um componente que se apresenta à prática, descortinando um campo de possibilidades, "dentre as quais apenas algumas se realizarão por meio de um objetivo intencional (conhecimento e prática), que desempenhará o papel de filtro seletor" (Raffestin, 1993: 223).

- 21 A valorização da matéria dependeria da relação que os homens com ela desenvolvem. Em outras palavras: por meio trabalho, que é considerado uma energia informada, eles seriam capazes de conferir novas propriedades à matéria. Tratar-se-ia, por excelência, de um processo de invenção, de criação. Diz Raffestin (1993) que
 

a referência à matéria é sempre caracterizada por um ponto de vista que permite integrar tal ou tal substância numa prática. O ponto de vista, limitado por definição, implica que nenhuma ação particular esgota as propriedades da matéria, pois elas não são exaustivas para o homem. Assim, uma mudança de prática constitui uma nova relação para com a matéria, donde resulta a probabilidade de evidenciar novas propriedades. Estando entendido que uma prática, sempre complexa, mesmo a mais rudimentar, é uma sequência que apenas a um ou a vários conhecimentos, dos quais alguns surgem na ação, mas outros resultam de uma acumulação anterior atualizada pela memória. Portanto, uma prática não é estável, evolui, ao mesmo tempo, no espaço e no tempo. (Raffestin, 1993: 224)
- 22 O autor insiste que, à revelia da prática, a matéria não passaria de um "dado puro, inerte e suas propriedades ficam latentes" (Raffestin, 1993: 224). Na visão do geógrafo a matéria por si só não é um recurso. Essa atribuição só faria sentido na existência de um processo de produção envolvendo a participação de um ator (A), uma prática ou técnica<sup>9</sup> mediada pelo trabalho (r) e uma matéria (M). A matéria somente se qualificaria enquanto recurso a partir de um processo que simploriamente obedeceria ao seguinte esquema:  $ArM \rightarrow P$ ; no qual P é entendido como um recurso ou conjunto de propriedades.
- 23 A relação (simbolizada pelo trabalho) seria indispensável para a caracterização de um recurso. Entrementes, alerta o autor, com isso não podemos pensar em uma relação meramente instrumental. Há também um aspecto político na medida em que o recurso é fruto de uma coletividade e se origina a partir do momento em que um determinado grupo tem acesso à matéria. Verifica-se, por extensão, que "toda relação com a matéria é uma relação de poder que se inscreve no campo político por intermédio do modo de produção" (Raffestin, 1993: 225). Nas palavras do geógrafo, "um recurso é o produto de uma relação".
- 24 Ressalva-se, assim, que do prisma *raffestiniano*, a mobilização de recursos implica no domínio de quantidade de energia e informação que possibilita a preparação de um plano destinado a explorar os recursos potenciais. Falar em potencialidade nos faz lembrar que o adjetivo *potencial* é utilizado para qualificar a energia que se encontra "armazenada" em um sistema físico e apta a ser transformada, a qualquer instante, em movimento. Tal flerte com as possibilidades era também detectado pelos políticos que viam o território como um receptáculo armazenador de riquezas "ávidas" para serem colocadas em movimento. Não é por acaso, aliás, a existência de muitos depoimentos a denunciarem um estágio de inércia. Guardadas as devidas proporções, parecia que os governantes, inspirados pela 1ª Lei de Newton (o Princípio da Inércia),<sup>10</sup> apenas



esperavam por alguém<sup>11</sup> que colocasse as riquezas em ação para assim resgatar as Gerais de sua situação inercial:<sup>12</sup>

Num territorio extensissimo, onde a uberidade do sólo e a riqueza mineral, rivalisam com a caudal de seus rios e amenidade e diversidade de seu clima, acha-se infelizmente em embryão o aproveitamento dos immensos recursos naturaes que possué, depondendo apenas de quem possa applicar um pouco de esforço e actividade no desenvolvimento de suas innumeraveis e inexgotaveis riquezas.

A desorientação dos estadistas, salva honrosas excepções, que se succederam na administração da então Província de Minas Geraes; a politica que em todas as côres e normas – tudo invalida e avassalava, não permittia que se attendesse ás necessidades de serem impulsionados os seus recursos; a isso, accresce que a desorganização do trabalho, consequencia da humanitaria mas intempestiva lei de 1888 – que trouxe os sérios embaraços com que até hoje lucha a lavoura, a mais forte e primitiva fonte de riqueza da nação – tudo estacionou. (*Minas Geraes*, 5 ago., 1894: 5)

- 25 Do excerto acima, e em outros congêneres, duas questões nos saltam aos olhos: de um lado, a valorização do patrimônio geográfico simbolizada pela extensão territorial, uberidade, recursos minerais, etc.; do outro, a expectativa de aproveitamento dessas potencialidades. Ao chamar a atenção para estes dois aspectos queremos assinalar que o *território*, na dicção dos políticos, além de comportar pronunciada faceta fisiográfica, escancarava também dimensão de *espera*. Mas, afinal, que espera é essa de que tanto falamos?

## Semânticas da espera: Negai ao mundo a esperança, e velo-eis imóvel e estacionário, como as nossas montanhas

A esperança é o mais poderoso incentivo da alma humana, é o iman, que nos arrasta n'este mundo de illusões; negai ao mundo a esperança, e velo-eis immovel e estacionario, como as nossas montanhas. (O Jequitinhonha, 19 dez., 1861: 2)

- 26 Antes de escavar as semânticas da *espera* nas Gerais, chamamos atenção para alguns sentidos que tal palavra exhibe na língua portuguesa:
- i. Esperar, v.at. Ter esperança de coisa desejada, ou prometida. v.g. espero uma carta; um presente. Esperar alguém; estar á espera d'elle, ou de algum successo (Antonio de Moraes Silva, 1789: 758).
  - ii. Esperar. Ter esperança. Estar à espera (Luiz Maria da Silva Pinto, 1832: 59).
  - iii. Espera, s.f. Acção de esperar. Demora. Fig. Sitio onde se espera alguém (Luiz Maria da Silva Pinto, 1832: 59).
  - iv. Esperar. Ter esperança. Estar à esperar (Luiz Maria da Silva Pinto, 1832: 59).
- 27 Na língua inglesa, por seu turno, a *espera* pode ser traduzida a partir de expressões como:
- i. *to hold on* – que denota um "tempo morto", mas abre possibilidade para a retomada do movimento;
  - ii. *to wait for* – que aponta um horizonte de esperança ao apresentar, em seu seio, a ideia de objetivo a ser alcançado.
  - iii. *standstill* – que abrange uma situação letárgica, um ponto morto;

iv. *to hope* – no sentido de ter *esperança*;

v. *to expect* – relacionada à expectativa diante um acontecimento (Vidal e Musset, 2015)

- 28 A partir dessas semânticas, pode-se inquirir: o que compreendemos como *espera* quando miramos os discursos sobre decadência mineira? A espera, afinal, “pode ser uma metáfora fácil para descrever muitas das situações sociais. Nem tudo é espera, e nem tudo é território da espera” (Vidal, Musset e Vidal (2011: s/p).<sup>13</sup> A névoa esmaece quando rebobinamos para a discussão em que o senador Costa Sena reclama da falta de ferrovias no norte de Minas e convida os demais políticos a verem os agouros daquela região:

Ide examinar as condições do Norte e vereis tropas e tropas estacionadas semanas e semanas á beira dos rios, por falta de um pontilhão; ide vê-las esperando que passe a enchente – tudo isso por falta de pontes que não importariam talvez em mais de 10 ou 12 contos! Ide ver o correio estacionado entre Itambé e Itabira do Matto Dentro ou obrigado a pedir uma canôa emprestada para passar com as malas! (Minas Geraes, 6 out., 1897: 5)

- 29 É essa, portanto, a *espera* sobre a qual nos referimos! A espera vinculada à ânsia por próteses técnicas, tais como as mencionadas pontes, que permitiriam a fluidez do *tempo* pelo *espaço* ao eliminarem as pedras do meio do caminho da estrada do progresso. Isso fica ainda mais nítido quando a citada ponte é personagem de outro texto, agora destinado a refletir sobre o papel da *ação*, do *lugar* e do *tempo* nos enredos teatrais.<sup>14</sup> De forma a criticar as encenações que se passavam apenas em uma mesma localidade, contava-se a história na qual uma avó e seu neto conversavam sobre a passagem de carneiros por uma ponte:

— E depois? pergunta a criança, com uma ingenuidade bem semelhante á dos nossos respeitáveis avós.

— Espera...ainda estão passando; responde a velha, repondo os olhos e dispondo-se a tomar pontos em novo pé de meta, enquanto passa o rebanho da candida arcadia, com suas fitazinhas azues atadas ao pescoço.

Hoje, depois das estradas de ferro e do cabo transatlântico já se não póde esperar que nas ovelhas transponham pacificamente a sua ponte: *time is money*.

Se já aprendemos a supprimir o espaço e o tempo, como se nos vem ainda hoje fallar nessas antigualhas de máo gosto? (Diário do Rio De Janeiro, 24 nov., 1866: 2)

- 30 É, portanto, da *espera* por benesses assim, capazes de “diminuir as distancias pelo vapor, de communicar os pensamentos pela electricidade” (O Liberal de Minas, 1 ago., 1868: 2), enfim, de permitir a fluidez para circularem ideias, produtos, dinheiro, etc. (Santos, 1996), a que nos referimos – *Time is money; space is money*, completaríamos.
- 31 Tratava-se, como depreendemos a partir de Vidal (2019), de *espera* vinculada à noção de *ritmo*. De um lado, o ritmo do *progresso*, metrificado pela velocidade, prontidão, pressa e continuidade. Sua sinfonia era composta pelo sibilar das locomotivas, pelos sotaques de trabalhadores estrangeiros e barulho do arado a sulcar a terra. Na outra margem, o *arcaísmo* cujo ritmo era registrado através de metáforas sobre lentidão, espera e sonolência. Sua melodia era composta pelos alaridos de um território considerado repleto de ausências – de trilhos, maquinários, população laboriosa – e estigmatizado por presenças malquistas como a de negros tachados preguiçosos, desordeiros, afeitos ao ócio e à vadiagem.
- 32 Como estava em jogo a oposição entre *tempos lentos e rápidos* (Santos, 1996),<sup>15</sup> em tom de exortação se dizia: “A terra mineira [...] não pode ficar estacionaria”. Considerava-se um absurdo que os governantes deixassem a província “puramente entregue á acção

lenta dos tempos e a serodia evolução das forças naturaes [...]”<sup>16</sup> (Liberal Mineiro, 7 mar., 1884: 1) e, por isso, interrogações como essas eram frequentes:

De que nos serviriam a fertilidade dos nossos campos, si o transporte dos productos continuassem á ser feito pelos pesados carros puchados por vagorosos bois?

Quem é que se lembra de procurar a benignidade do nosso clima, si tivesse de emprender uma penosa viagem em caçados sendeiros?

Qual seria o emigrante que, depois de ter feito centenaes de leguas em poucos dias, nos ligeiros vapores que atravessam o Atlantico, quizesse afastar-se das costas do Brazil, ainda que fosse para percorrer pouquissimas dezenas de kilometros a pé?  
(...)

Que venha já a estrada de ferro e com ella uma corrente emigratoria.

(A Cidade do Turvo, 6 dez., 1891: 1)

- 33 Essas perguntas ajudam a sublinhar que a *espera* abordada nesse trabalho abarca objetos geográficos tidos capazes de *driblar o espaço*, como mencionado na fábula “O Vento”.<sup>17</sup> Na ocasião, com voz marcada por seu “accento metallico”, o *telégrafo* filosofa sobre sua existência e diz: “O homem me sujeitou a este arame e se aproveitou de minha velocidade para supprimir o espaço”. A *locomotiva*, indagada sobre sua relação com as *nuvens*, acrescenta: “As tenho presas em meu seio. Em vez de fluctuarem no espaço, se retorcem dentro das paredes de minha caldeira e, convertidas em força, arrastam os trens e suprimem as distancias” (O Pharol, 28 jul., 1893: 1). Nessa mesma toada, estampava-se no Liberal Mineiro outro elogio à velocidade: “Hoje, com a profunda revolução que se vae se operando na provincia pelo desenvolvimento da sua viação ferrea, o argumento das distancias perdeu todo o valor de outr'ora. A locomotiva suprime o espaço [...]” (Liberal Mineiro, 13 mar., 1884: 1).<sup>18</sup>
- 34 A presença dessas próteses, como a locomotiva acima mencionada, nos ajuda a entender a transição do “meio natural” rumo à constituição de um “meio técnico” (Santos, 1996).<sup>19</sup> Nesse novo cenário, “os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos” (Santos, 1996: 57). Os novos instrumentos passam a atuar não mais como extensões do corpo do homem, mas como prolongamentos do próprio território, configurando-se verdadeiras próteses. É assim, então, que valendo-se de “novos materiais e transgredindo a distância, o homem começa a fabricar um tempo novo, no trabalho, no intercâmbio, no lar. Os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais” (Santos, 1996: 57).
- 35 Junto à crença nesses objetos técnicos, depositava-se fé na capacidade técnica dos estrangeiros e, não por acaso, havia uma série de apelos por investimentos que viabilizassem a entrada e recepção de imigrantes.<sup>20</sup> Não ao acaso, no Jornal O Estado de Minas, as reivindicações por melhorias em um núcleo colonial<sup>21</sup> eram acompanhadas pela seguinte exclamação: “Esse territorio ja espera os auxilios” (O Estado de Minas, 13 ago., 1890: 2). Trata-se de frase que escancara uma *espera* que transbordava das esperanças de humanos e encharcava um *território* que parecia, ele próprio, ter vida e desejos particulares: o desejo por ferrovias, estradas, braços imigrantes,<sup>22</sup> pontes, telégrafos e escolas. Vontades de um território que queria sentir-se útil e ocupado.<sup>23</sup> Com isso, diríamos que “não é só ao homem que a prosperidade faz sorrir e encarar o futuro cheio de fé e de esperanças. O mesmo phenomeno se observa nos seres inanimados” (Almanach Sul-Mineiro, 1874: 241).
- 36 Entretanto, diante de tais quereres e seduções territoriais, não nos enganemos: quem narrava a espera e os desejos do *território* não era ele próprio, mas sim políticos – leia-

se: senhores de terra ou representantes dos interesses destes – que, a partir de quimeras e artimanhas, projetavam uma Minas do amanhã.<sup>24</sup> Ou melhor: projetavam uma maneira de ampliar suas riquezas e conservar o *status quo*.

## Apontamentos finais

O lavrador, com sua enxada, e sem machinas agricolas apropriadas, está nas condições de um soldado que partisse para a guerra, armado com um canivete. Sem espingarda, sem polvora, sem armamento apropriado, de que serve a coragem ao soldado? Desarmado, vai elle para uma derrota certa. No mesmo caso está o lavrador sem machinas agricolas: é um soldado desarmado. Por isso, a introdução de machinas agricolas para a lavoura é uma necessidade urgente, imprescindivel, inadiável (*Revista Industrial de Minas Geraes*, 15 jul., 1894: 255).

- 37 Atento aos ritmos espaço-temporais propriíssimos das migrações, Vidal (2012) realça que os deslocamentos não são compostos apenas por movimentos, mas também por pausas que, ao se cristalizarem no espaço, dão existência aos chamados *territórios da espera*. Tais territórios, no recorte feito pelo autor, estão diretamente ligados aos dispositivos espaciais necessários ao transporte, triagem, acolhimento, distribuição e fixação de imigrantes, como barcos, hospedarias/albergues e núcleos coloniais.
- 38 No caso de nosso trabalho, visualizamos a espera a partir de discursos que sublinhavam a letargia de um território onde tudo quedaria inerte, mas, ao mesmo tempo, revelavam horizonte esperançoso ao alimentarem a crença de que determinadas próteses técnicas fariam as Gerais despertar de seu estágio de dormência.
- 39 É nessa senda que as expressões denunciadoras do atraso transformavam o estado em um “território da espera” – denominação que explicita uma espécie de “inércia territorial”, mas também a “esperança do dinamismo” – e eram capazes de incitar o movimento em direção a uma série de medidas com vistas ao aquecimento da economia das Gerais.
- 40 Diante dessas medidas, poderíamos falar na gênese de um pensamento desenvolvimentista mineiro<sup>25</sup> (Dulci, 1999) ou, ainda, na existência de um proto-desenvolvimentismo – já que tratar-se-ia de um elemento em formação (Barbosa, 2012). Esse processo estaria alicerçado em três grandes eixos: i.) na modernização produtiva que, em sua gênese, vinculava-se, sobretudo à questão agrícola, mas, posteriormente, entranhou em outros setores; ii.) na postura defensiva em relação à espoliação estrangeira, numa tentativa de resguardar os interesses regionais ou nacionais; iii.) no papel do Estado enquanto elemento articulador, planejador e financiador das aspirações desenvolvimentistas (Barbosa, 2012). Em nossa interpretação, todas as facetas desse proto-desenvolvimentismo foram, em maior ou menor grau, alimentadas por discursos de pronunciada espacialidade e tiveram vultuosas repercussões no território (vide, por exemplo, a construção da nova capital mineira). O que nos leva a assinalar, enfim, que a espacialidade é componente indispensável às reflexões sobre letargia e esperança.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Baczko, Bronislaw (1985). *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Barbosa, Daniel Henrique Diniz (2012). *Tecnoburocracia e pensamento desenvolvimentista em Minas Gerais (1903-1969)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bauman, Zygmunt (1999 [1998]). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brandão, Junito de Sousa (1999). *Mitologia Grega*. 13. ed. Petrópolis: Vozes.
- Carneiro, Patrício Aureliano Silva (2013). *Do sertão ao território das Minas e das Gerais: entradas e bandeiras, políticas e formação espacial no período colonial*. 407f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- De Luca, Tania Regina (2010). “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: Pinsky, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, pp. 111-153.
- Dulci, Otávio Soares (2005). João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro. In: Gomes, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dulci, Otávio Soares (1999). *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Goodwin Jr, James William (2007). *Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. 352f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Giddens, Anthony (1991[1990]). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Laplantine, François; Trindade, Liana S. (1997). *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense.
- Moraes, Antonio Carlos Robert (1996). *Ideologias geográficas*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec.
- Moraes, Antonio Carlos Robert (2002). *Território e História no Brasil*. São Paulo: Ed. Hucitec.
- Moraes, Antonio Carlos Robert (2003). “O Sertão: Um ‘Outro’ Geográfico”. *Revista Terra Brasilis*, n. 4-5, s/p.
- Moog, Clodomir Vianna (1954). *Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo entre Duas Culturas*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo.
- Oliveira, Lúcia Lippi (1998). “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro”. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, supl., pp. 195-215.
- Pinto, Luiz Maria da Silva (1832). *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva.
- Raffestin, Claude (1993). *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, pp. 143-163.
- Santos, Higor Mozart G. (2016). *Minas Gerais – O Éden Brasileiro: notas sobre a propaganda imigratória mineira e suas alusões territoriais no findar dos oitocentos*. 2016, 265f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Santos, Milton (2000). “O Papel ativo da geografia. Um manifesto”. *XII Encontro Nacional de Geógrafos*, Florianópolis, Laboplan, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

- Santos, Milton (1996). *A natureza do espaço: técnica, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP.
- Silveira, Maria Laura (2011). “O Brasil: Território e Sociedade no início do Século 21 – A História de um Livro”. *ACTA Geográfica*, Ed. Esp. Cidades na Amazônia Brasileira, pp.151-163.
- Saquet, Marcos Aurélio (2007). “As diferentes abordagens do território e apreensão do movimento e da (i)materialidade”. *Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 43, pp. 55-76.
- Silva, Antonio de Moraes (1813). *Diccionario da lingua portugueza – recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- Sousa Neto, Manoel Fernandes de (2000). “A Ciência Geográfica e a Construção do Brasil”. *Terra Livre*, São Paulo, v. 15, pp. 9-20.
- Souza, Laura de Mello e (2019). “Natureza mineira: Jardim das Hespérides ou paisagens devastadas?”. *Brésil (s) Sciences Humaines et Sociales, Congresso Abre, n. 2*. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/bresils/4852>>. Acesso em: 9 nov. 2019.
- Vidal, Laurent (2012). “Sociétés, mobilités déplacements: les territoires de l’attente”. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 384, pp. 87-90.
- Vidal, Laurent (2019). *Les Hommes lents. Résister à la modernité, XVe-XXe siècle*. 1. ed. Paris: Flammarion, v. 1, 295p.
- Vidal, Laurent; Musset, Alain (Dir.) (2015). *Les territoires de l’attente. Migrations et mobilités dans les Amériques (XIXe – XXIe siècle)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 304 p.
- Virilio, Paul (1993 [1984]). *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34.
- Wright, John K. (1947). “Terra Incognita: The Place of Imagination in Geography”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, n. 1, pp. 1-15.

## ANEXOS

### Fontes Primárias

- Almanach Sul-Mineiro*. Ao leitor. 1874. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/213462/6>>. Acesso em: 7 fev. 2019.
- A União*. Pedagogia – Propaganda – A Idéia Nova – A Educação Industrial. Ouro Preto, 26 de novembro de 1886. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/714640/78>>. Acesso em: 06 nov. 2015.
- Diário de Minas*. Comunicado – Efeitos da Capital. Ouro Preto, 18 de fevereiro de 1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/376523/1588>>. Acesso em: 22 mai. 2019.
- Diário do Rio de Janeiro*. Litteratura – o actor. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1866. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/21215](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21215)>. Acesso em: 18 out.2019.
- Liberal Mineiro*. Liberal Mineiro. Ouro Preto, 7 de março de 1884. Disponível: em <<http://memoria.bn.br/DocReader/248240/1481>>. Acesso em: 23 mai. 2019.
- Liberal Mineiro*. Liberal Mineiro. Ouro Preto, 13 de março de 1884. Disponível: em <<http://memoria.bn.br/DocReader/248240/1493>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

*Liberal Mineiro*. 2ª sessão extraordinária, em 22 de setembro de 1885. Ouro Preto, 16 de outubro de 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/248240/2662>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

*Minas Geraes*. A Imigração em Minas. Ouro Preto, 5 de Agosto de 1894, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=4864>>. Acesso em: 08 set. 2014.

*Minas Geraes*. Cultura de Fumo. Minas, 11 de dezembro de 1898. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/291536/15635>>. Acesso em: 7 abril. 2018.

*Minas Geraes*. Discurso pronunciado na sessão de 23 de julho 1897. Ouro Preto, 6 de Outubro de 1897. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/291536/13032>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

*Minas Geraes*. Nova Capital. Ouro Preto, 12 de Setembro de 1895. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=7650>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

*O Liberal de Minas*. Assembléa Legislativa Provincial. 34ª Sessão Ordinária aos 13 de julho de 1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/847372/105>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

*O Liberal de Minas*. Assembléa Legislativa Provincial. 22ª Sessão Ordinária aos 26 de julho de 1868. 8 de julho de 1868 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/847372/29>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

*O Liberal de Minas*. Assembléa Legislativa Provincial. 34ª Sessão Ordinária aos 13 de julho de 1868. 1º de agosto de 1868 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/847372/106>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

*O Mercantil*. Estudos Economicos – Sobre os progressos actuaes da indústria. 12 de fevereiro de 1846. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/228133/2106>>. Acesso em: 15 out. 2019.

*O Pharol*. A mudança da capital. Juiz de Fora, 29 de maio de 1890. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/6866>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

*O Pharol*. Imparcialidade aaronica. Juiz de Fora, 28 de julho de 1893. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/10736>>. Acesso em: 11 abril. 2019.

*Revista Industrial de Minas Geraes*. Agricultura – Assumptos Agricolas. Ouro Preto, 15 de Julho de 1894. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=053783&PagFis=252&Pesq=>>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

## NOTAS

1. Em virtude da traição aos deuses, “[...] Tântalo foi lançado no Tártaro, condenado para sempre ao suplício da sede e da fome. Mergulhado até o pescoço em água fresca e límpida, quando ele se abaixa para beber, o líquido se lhe escoa por entre os dedos. Árvores repletas de frutos saborosos pendem sobre sua cabeça; ele, faminto, estende as mãos crispadas, para apanhá-los, mas os ramos bruscamente se erguem [...]. O tema mítico de Tântalo, na luta interior contra a vã exaltação, simboliza a elevação e a queda. Seu suplício corre paralelo com sua hamartía: o objeto de seu

desejo, a água, os frutos, a liberdade, tudo está diante de seus olhos e infinitamente distante da posse” (Brandão, 1999: 79).

2. Quando falamos em elites mineiras, no plural, temos em mente a distinção elaborada por Dulci (1999) que identificou dois grupos no alvorecer do XX. Em termos econômicos havia uma *elite agrária* que contava com membros preocupados com o setor agroexportador e com representantes que miravam a diversificação da produção com vistas a atender o consumo interno. Havia também uma *elite empresarial* urbana em ascensão – nela se destacavam as atividades vinculadas à siderurgia. No aspecto social, havia uma *elite tradicional* alicerçada em práticas como coronelismo, clientelismo, etc. – e, também, uma *elite técnica*.

3. Para uma discussão sobre especificidades do tratamento de fontes na Geografia Histórica, ver Carneiro (2013).

4. Geógrafo, PhD em História pela universidade de Harvard.

5. O autor se vale da ideia de *terrae incognitae*. Expressão composta por palavras que acendem labaredas na imaginação. Historicamente, afinal, homens são atraídos pelo canto das Sereias às regiões ditas desconhecidas/inexploradas. Por essa razão, Wright emprega o termo *terrae incognitae* em uma dupla acepção: uma, literal, mobilizada para designar terras desconhecidas; outra, figurada, lançada para recobrir aquilo que é geograficamente desconhecido. No entanto, imperioso dizer que o *des-conhecimento* sobre uma dada porção telúrica deve ser visto de forma relativa. Afinal, “se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini *terrae incognitae*. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há terra incognita em sentido absoluto, não há também terra absolutamente *cognita*” (Wright, 1947: 7).

6. As abordagens da *geosofia* se ramificariam em duas vertentes: a cartográfica e a histórica. A primeira relaciona-se à elaboração de mapas que cartografam o conhecimento geográfico. A abordagem histórica da *geosofia* diz respeito ao estudo da história do conhecimento geográfico. E isso, insiste o autor, não implica em considerarmos apenas o conhecimento geográfico sistematizado, mas também aquele oriundo de outras experiências.

7. Na dicção dos deles, o *território* era muito mais uma palavra – usada para designar, sobretudo, o substrato físico – que um conceito. No lugar de *território*, em muitas ocasiões poderia ser pronunciada/grafada a palavra *natureza*, *espaço* ou *paisagem*. O que nos importa, antes de tudo, nesse caso, é a substância alusiva ao espaço imanente à palavra.

8. Portanto, ainda que muitas sejam as críticas endereçadas à reflexão que Raffestin (1993) edifica ao redor do território, nossa intenção foi precisamente salientar a forma como o geógrafo franco-suíço evidencia as *relações de poder* e a maneira como ele traz à baila os laços entre a sociedade e natureza.

9. Sobre o papel da técnica, ver Santos (2000).

10. Lei anunciada pela seguinte máxima: "Um corpo em repouso tende a permanecer em repouso a menos que uma força, atuando sobre ele, o faça iniciar o movimento. Em outra via: um corpo em movimento tende a permanecer em movimento a menos que uma força, atuando sobre ele, o faça cessar o movimento".

11. Como discutimos no trabalho, esperava-se por braços, seja via imigração estrangeira e ou ensino público, desde que estivesse acoplados à homens considerados inteligentes. Bradava-se, afinal: "a sciencia demonstra que tanto mais productivo será o trabalho, quanto mais intelligente for o operário [...] hoje sabe-se que é a força do espirito, e não a do corpo, que domina a materia e d'ella tira todos os productos necesarios á satisfação das necessidades e ao bem estar do homem" (Diário de Minas, 18 fev., 1868: 1).

12. “A inercia é uma especie de lethargia tão perniciosa á alma como ao corpo; e é diametralmente opposta á acção e ao trabalho, pai das virtudes, e que, por isso, desterra para longe o triste enojo, fatal molestia que entrou no mundo de companhia com a preguiça, que



caminha tão devagar que a pobreza a alcança logo. Ao inverso da preguiça, o trabalho dá riqueza e satisfação, e nos defende ainda do enojo, justo castigo dos poltrões ociosos, dos espíritos vãos, dos corações apáticos e indiferentes” (A União, 26 nov., 1886: 2).

13. A espera, lembremos, é um fato social total, pois aciona variadas dimensões: psíquicas, fisiológicas, sociais, econômicas, jurídicas, sensíveis, culturais, geográficas e políticas (Vidal, Musset e Vidal, 2015).

14. Trata-se das três unidades de ação observadas por Aristóteles.

15. Santos (1996), na tentativa de ultrapassar as limitações do *tempo curto* e *tempo longo* – propostos por Braudel – fala em um *tempo rápido* e *tempo lento* e faz questão de frisar que estas não são dominações estanques; a lentidão, diz ele, somente é dada em oposição à rapidez e varia de lugar para lugar.

16. A dimensão da espera-esperança aparece nitidamente nessa pergunta a respeito da mudança da capital: “Reuni a cidade de Ouro Preto os múltiplos e variados requisitos de capital de um estado vasto e esperançoso como o nosso?” (O Pharol, 29 mai., 1890: 1).

17. O texto fora veiculado em 28 de julho de 1893 e a autoria é atribuída a Theodoro Baró.

18. No ano de 1846, em texto “sobre os progressos actuaes da industria”, colocava-se que uma das incumbências dos homens era a de “encurtar as distancias e condensar o espaço e o tempo!” (O Mercantil, 12 fev., 1846: 2). Discursos como esse, da aniquilação do espaço pelo tempo, futuramente alimentariam a infundada tese sobre a capacidade da globalização promover a homogeneização do espaço (Virilio, 1984; Giddens, 1990; Bauman, 1998).

19. Santos (1996), ao versar sobre as relações entre sociedade e natureza, promoveu uma distinção de três períodos técnicos: “meio natural”, “meio técnico” e “meio técnico científico-informacional”. Enquanto no primeiro desses extremos “os sistemas técnicos não tinham existência autônoma” (Santos, 1996: 157), no último deles, iniciado no pós-Segunda Guerra Mundial, técnica e ciência promoveriam um enlace sob as bênçãos do mercado.

20. Entre os trabalhos que focalizam a presença de estrangeiros no território mineiro destacamos seminal abordagem empreendida por Norma de Góes Monteiro, em 1973, na obra “Imigração e Colonização em Minas Gerais – 1889-1930”.

21. Núcleo Colonial Cesário Alvim.

22. O senador Mello Franco dizia: “Tinhamos terras, capitaes; faltava-nos o terceiro elemento da riqueza – o trabalho” (Minas Geraes, 9 set., 1898: 4).

23. Diante dessa prosopopeia, poderíamos falar também na *espera do território* ou em um *território à espera*. Uma dessas *esperas* era justamente por imigrantes, como vemos em notícia que narra a chegada de imigrantes em Minas Gerais: “Era bello o espetaculo que se desenhava aos olhos de nós outros, acostumados ao meio quasi inerte de uma estagnação, com apparencia de movimento. Parece que em cada immigrante viamos uma mollecule do progresso a desprender-se do grande corpo do futuro (O Arauto de Minas, 4 dez., 1888: 2-3). O atraso se colava ao espaço a ponto de haver expressão como “lugar atrasado” (Liberal Mineiro, 16 out., 1885: 2).

24. “Esta provincia, tão rica, á que se assignala um futuro esperançoso” (O Liberal de Minas, 1868, 8 jul., 1868: 1). É por isso, portanto, que falamos em *espera-esperança* e não em *ansiedade*, posto que essa palavra última denota a expectativa por situação desagradável.

25. Na linguagem socioeconômica, o desenvolvimentismo qualifica a intenção de superar uma condição de atraso relativo. Trata-se de um *projeto* que mobiliza uma dimensão política traduzida na intervenção governamental e nos arranjos com outros grupos – com destaque para elites políticas, econômicas e intelectuais (Dulci, 2005).

---

## RESUMOS

Em fins dos oitocentos, em um período pós-abolição da escravatura, as alocações de políticos pintavam assombrosa situação de letargia que pairaria sobre as Gerais. Enxergando o território, mormente, a partir de seu acento fisiográfico – como se fosse ele um receptáculo a abrigar um manancial de riquezas – esculpia-se a imagem de um *paraíso* que acenava com toda sorte de possibilidades e vaticinava futuro afortunado. Denunciava-se, entretanto, que um conjunto de carências – a maioria delas enlaçadas à técnica – impedia que os potenciais do território fossem devidamente aproveitados. Diante de tal cenário, através da interpretação de periódicos da época, discutimos em que medida as palavras alardeadoras do *atraso* e anunciadoras de situação *esperançosa* contribuíam para converter Minas Gerais em um *território da espera*.

At the end of the nineteenth century, in a post-abolition period, the speeches of politicians presented an astonishing situation of lethargy that would hover over Minas Gerais. Observing the territory mainly from the physiographic point of view – as if it were a receptacle for a wealth of riches – the image of a paradise arose waving with all sorts of possibilities and predicted a fortunate future. It was denounced, however, that a set of deficiencies – most of them linked to technique – prevented the potentials of the territory from being properly exploited. It was discussed how the rhetoric about the backwardness of Minas Gerais used landscape elements as trumps to incite relevant territorial transformations.

A finales del siglo XIX, en un período posterior a la abolición de la esclavitud, los discursos de los políticos pintaban una sorprendente situación de letargia que recorrería el Estado de Minas Gerais. Viendo el territorio sobre todo a partir de su acento fisiográfico —como si fuera un receptáculo que abrigara un manantial de riquezas—, se esculpía la imagen de un paraíso que ofrecía toda suerte de posibilidades y que vaticinaba un futuro afortunado. Sin embargo, se denunciaba que un conjunto de necesidades, la mayoría de ellas vinculadas a la técnica, dificultaba el uso adecuado de las potencialidades del territorio. En vista de este escenario, por medio de la interpretación de periódicos de la época, discutimos en qué medida la retórica sobre el atraso y la situación esperanzadora de Minas Gerais contribuyó a convertir a Minas Gerais en un territorio de espera. Territorios en espera; Progreso; Decadencia; Imaginación; Geográfica, Minas Gerais.

À la fin du XIX<sup>ème</sup> siècle, après l'abolition de l'esclavage, les discours des politiques décrivaient l'épouvantable situation de léthargie qui régnait sur les Gerais. Voyant le territoire surtout sur l'angle physiographique – comme s'il était tout simplement un réceptacle source de richesses – dessinait l'image d'un paradis qui faisait signe à toute sorte de possibilités et laissait prévoir un avenir encourageant. Néanmoins, on dénonçait un ensemble de carences, dans sa majorité liées à la technique, qui empêchaient l'exploit des puissances du territoire. D'après cela on discute comment les récits sur le retard mineiro employaient des éléments du paysage en tant comme des atouts capables d'infléchir la dynamique territoriale.

## ÍNDICE

**Índice cronológico:** Século XIX

**Palavras-chave:** territórios da espera, progresso, decadência, imaginação geográfica, Minas Gerais

**Palabras claves:** territorios de espera, progreso, decadencia, imaginación geográfica, Minas Gerais

**Keywords:** territories of waiting, progress, decadence, geographical imagination, Minas Gerais

**Mots-clés:** territoires d'attente, progress, décadence, imagination géographique, Minas Gerais

**Índice geográfico:** Minas Gerais

## AUTOR

**HIGOR MOZART GERALDO SANTOS**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense (UFF). Laboratório de Geografia Histórica das Cidades e Territórios (GEHOCITE/UFV). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001.

E-mail: hmozart@gmail.com